

**M**EU FILHO Jack segurava a chave de parafusos enquanto eu soltava a tampa do motor de popa. Estávamos atrás de um pequeno barco de pesca, com água pelos joelhos, dedos metidos na areia e ombros ardendo ao sol escaldante da Nova Zelândia.

Enquanto eu trabalhava, Jack sobressaltou-se quando uma tainha prateada pulou da água ali perto. «Quando eu era menino, a gente apanhava sacos cheios desses peixes», disse-lhe eu, enquanto nos prepará-

vamos para ir comprar uma vela de ignição nova para o motor.

Era 1984 e eu tinha levado minha família em férias numa visita ao país onde nasci. Gabava-me a meu filho de 9 anos de como fazíamos surfe e vela em praias espetaculares e acampávamos em florestas onde as cobras não tinham sequer sido inventadas. Fazendas férteis e um clima temperado providenciavam há muito um dos mais altos padrões de vida do mundo, sobre o qual os neozelandeses tinham implantado as fundações do primeiro Estado cujo bem-estar

**Um povo que compreendeu que o caminho para a recuperação nacional estava em suas próprias mãos.**

# **O PAÍS QUE DEU A VOLTA POR CIMA**

**JOHN DYSON**



dos cidadãos era provido pelo governo, e não por organizações privadas.

Na virada do século, especialistas franceses em Ciências Políticas, radicais americanos e estadistas ingleses fizeram uma viagem de oito semanas por vapor à distante colônia para verem «o laboratório social do mundo». Anos, ou mesmo décadas, antes de programas assim serem adotados pelas nações européias, os benefícios de vida inteira neozelandeses — que iam de subsídios de desemprego a abonos de família, quer se necessitasse deles, quer não, e pensões de aposentadoria a partir dos 60 anos — faziam a inveja do mundo inteiro.

Na época em que cresci, nos anos 50, o estilo de vida «sem preocupações» estava aqui firmemente implantado. Embora meu pai ganhasse um ordenado certo como policial, mamãe recebia dinheiro estatal para me sustentar e às minhas irmãs, sem que ninguém lhe tivesse perguntado se precisava dele ou não. Não havia necessidade de poupar para dias piores, porque o Estado fazia que o Sol continuasse sempre a brilhar.

Mas a podridão se instalou em al-

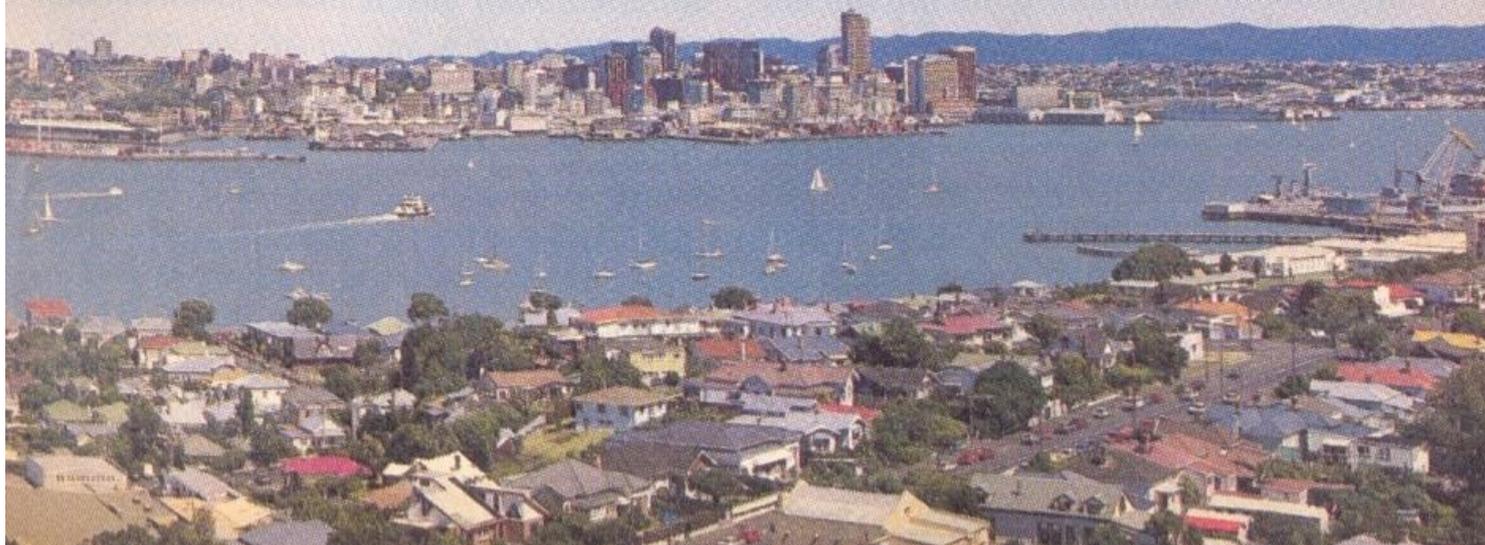
gum ponto do percurso. Percebi a mudança quando entrei com Jack num posto de gasolina. O homem que estava atrás do balcão, de *shorts* e botas, lambia uma casquinha de sorvete e lia um jornal de corridas de carro.

«E aí, amizade, algum tremendo desastre?», nos gozou ele. «Velas? É, deve haver alguma por aqui.» Olhou em volta e depois deu um pontapé numa caixa vazia. «Pode voltar amanhã?»

Limpamos nossa vela velha com uma escova metálica e saímos com ela para pescar, com o motor cuspidando nuvens de fumaça.

O episódio era emblemático com relação ao país. Não era só o nosso motor que estava precisando de uma nova vela de ignição; todo o Estado se havia descontrolado e parado. Muitos de meus conterrâneos estavam ficando como aquele empregado da bomba de gasolina — complacentes e egocêntricos, e a razão não era difícil de identificar. As dívidas da previdência social continuavam a se amontoar e seu pagamento devorava a economia.

Os impostos eram altíssimos: uma



taxa de 66% começou a ser aplicada sobre rendas bastante modestas. O país estava pedindo muito dinheiro emprestado para pagar suas contas; a dívida nacional atingia 20 000 dólares por família e crescia rápido. A inflação idem. Os salários reais não tinham aumentado no decorrer de uma geração e o nível de vida caíra para o 19.º lugar do mundo desenvolvido. Cada trabalhador de período integral que ganhava um ordenado fixo estava sustentando duas famílias, a sua e a de outro beneficiário com seus dependentes.

A situação da Nova Zelândia de então era muito semelhante à que sufoca hoje a economia e as sociedades dos Estados europeus mergulhados em sua previdência social. Muita gente sensata na Nova Zelândia sabia que se fazia necessária uma mudança, mas os grupos econômicos (agricultores, sindicatos, homens de negócios, burocratas) resistiam. A maioria achava que nada se podia fazer. Apesar disso, a Nova Zelândia conseguiu mudar drasticamente, e para melhor.

**P**OUCO tempo depois de nossa visita, foram convocadas eleições, e um novo governo trabalhista tomou posse. Seu ministro das Finanças, Roger Douglas, era um deputado do PT representante de um dos distritos mais pobres do país.

Contador de profissão, gerindo um modesto negócio familiar, ele surpreendeu todo mundo com uma dura mensagem: «Nossa política não está ajudando os pobres, mas sim de-

sonrando suas vidas», declarou ele. «Mais e mais dinheiro não é solução para os problemas sociais. Tem de haver uma saída melhor.»

Douglas julgava ter a solução para o problema, e a Nova Zelândia não tinha tempo a perder. Uma desvalorização da moeda tinha trazido com ela uma crise econômica. Douglas encarou-a como uma oportunidade para fazer uma correção radical do caminho a seguir e convenceu outros membros de seu partido de que o país não tinha outra alternativa.

Recebeu do Tesouro relatórios confidenciais sobre o modo como a experiência do chamado *welfare state* tinha corrido mal e o texto foi publicado na imprensa, para que o cidadão comum pudesse informar-se sobre ele. Numa reunião de cúpula de três dias com especialistas e líderes locais, discutiu-se que medidas tomar. Algumas partes da reunião foram televisionadas para todo o país.

Depois dela, Douglas atacou duro e rápido. Os agricultores foram os primeiros a sofrer. Eles sempre tinham sido paternalizados pelo governo, obtendo mais de um terço de seus rendimentos de cerca de 30 subsídios, concessões e esquemas de incentivo diferentes. Um desses apoiava a criação de mais ovelhas, mesmo que o pasto não fosse suficiente para alimentá-las. Como não era possível vender os milhões de esqueléticas ovelhas produzidas, elas eram então transformadas em fertilizante. Mas os agricultores não perdiam um centavo, porque os preços eram garantidos pelo governo.

David e Cathy Hartles estavam entre os que foram atingidos pelas mudanças. Os agricultores em Northland, perto de onde nasci, estavam no topo do mundo em 1984. «Não há muito que um político nos possa fazer», pavoneava-se David. Mas seu sorriso se apagou quando Douglas anunciou que não haveria mais distribuições, subsídios, anistias fiscais ou taxas de juro inferiores às praticadas pelo mercado. O controle de preços desapareceu.

Com grandes empréstimos e incriveis hipotecas, algumas das taxas de juro dos Hartles aumentaram em 30%. Eles deixaram de esbanjar fertilizantes e herbicidas. Trocaram seu carro novo por um com 15 anos. Tal como eles, também outros agricultores fecharam seu talão de cheques; os negócios no campo ficaram mal. Alguns empregados de lavoura foram despedidos e seu trabalho passou a ser feito por suas mulheres e filhos.

Muitos agricultores previam que 10% deles teriam de deixar suas terras. Houve manifestações de protesto em frente do Parlamento, e aviões de fertilização voaram rasantes sobre gabinetes ministeriais. Mas Douglas não cedeu. «Sem estas mudanças», dizia ele, «a Nova Zelândia não vai a parte nenhuma.» Apesar dos protestos dos grupos econômicos, Douglas sentia que a maior parte dos *kiwis* apoiaria a reforma, e apostava que até mesmo os adversários o fariam, desde que as mudanças fossem aplicadas a todos.

Seguiram-se os empresários. Pro-

tegidos pela proibição de importações, muitos deles pouco se preocupavam com sua eficiência econômica. Uma parte substancial da infra-estrutura do país era controlada por monopólios estatais. A competição estrangeira era reprimida por rigoroso sistema de licenciamento de importações e altas taxações. Um par de botas, que na Ásia custava 15 dólares, ganhava na Nova Zelândia um preço proibitivo: os *kiwis* tinham de desembolsar 50 dólares por um par de fabricação nacional. Quem comprasse carros importados, enfrentava impostos e taxas de importação que praticamente duplicavam seu preço. Douglas acabou com o controle dos preços e derrubou as cotas de importação e a maior parte das tarifas.

O governo não se poupou. «O povo trabalhará duro desde que não tenha os burocratas nas costas», argumentava Douglas. O serviço público do governo central foi reduzido em 60%. Os principais executivos ganharam maiores responsabilidades e seus departamentos foram reestruturados, de modo a terem uma atuação mais eficaz. O gigantesco Ministério dos Transportes, por exemplo, passou de 5000 funcionários para 58, com três quartos do pessoal original sendo remanejados para novas empresas comerciais.

O Partido Trabalhista perdeu o poder em 1990, em parte porque não foi capaz de enfrentar as dolorosas mudanças necessárias no mercado de trabalho propriamente dito. O conservador Partido Nacional, li-

derado pelo primeiro-ministro, Jim Bolger, tomou então as rédeas do poder e, numa questão de dias, atacou o próprio sistema do Estado previdenciário.

Os subsídios de desemprego, por exemplo, eram tão elevados que milhares de jovens saudáveis e educados deixavam seu emprego ou não se davam ao trabalho de procurá-lo. Alguns passavam os invernos surfando na Austrália, enquanto seu dinheiro do fundo de desemprego se acumulava em contas bancárias na Nova Zelândia. Um vizinho de meus pais viveu da previdência por alguns anos, enquanto construía um iate em seu estaleiro pessoal.

Tudo isso acabou: os subsídios pagos a milhares de neozelandeses que recebiam ilegalmente o fundo de desemprego, vivendo no estrangeiro, foram cancelados. Os dias da «pesca-dupla» (pedir ilegalmente pelo subsídio-desemprego junto com uma bolsa de estudos) tinham acabado. Quem abandonasse o emprego sem nenhuma razão válida não recebia nada durante seis meses.

O Partido Nacional introduziu outras reformas. As pensões a mães solteiras com menos de 18 anos acabaram ou foram reduzidas, com base na idéia de que suas famílias deviam assumir essa responsabilidade. Os abonos de família baixaram. As pensões de terceira idade foram congeladas durante dois anos e a idade mínima para obtê-las passou de 60 para 65 anos. De repente, quase metade da população passou a pagar uma porcentagem maior de suas

contas médicas e os estudantes foram obrigados a desembolsar uma fatia mais expressiva de suas despesas com educação. Ao todo, mais de meio milhão de neozelandeses, um sexto da população, passou a perceber menos dinheiro do Estado.

Essa série de reformas foi muito contestada. Com a subida da taxa de desemprego para 11%, os líderes sindicais organizaram comícios feroces. Aposentados de cabelos brancos manifestaram-se nas ruas. Queimaram-se efígies dos políticos. Mas o governo não cedeu, alargando seu zelo reformador ao mercado de trabalho e aos sindicatos, com a abolição da fixação centralizada das condições trabalhistas e dos salários. Estes passaram a poder ser negociados entre patrões e empregados individualmente. A onda de protesto e raiva não conseguia esconder uma mudança fundamental: as pessoas tinham agora um forte incentivo para trabalhar. E passaram a fazê-lo.

Na agricultura, se os rendimentos dos agricultores baixavam, o mesmo acontecia com os custos de seu trabalho. Foi o que os salvou. Quando os subsídios acabaram, os preços do transporte em caminhão, do beneficiamento da carne e de grande quantidade de outros serviços voltaram a níveis honestos. A indústria de carvão reduziu sua força de trabalho a metade e duplicou sua produção. O número de ferroviários baixou de 23 000 para menos de 5000, mas os cidadãos passaram a gozar de serviços melhores. As contas telefônicas desceram a mais de

metade em termos reais; as taxas do transporte ferroviário baixaram de modo similar e o correio também conheceu forte redução. O número de greves baixou em cerca de 85% e quase desapareceram os dias perdidos nessas ações de protesto.

A Nova Zelândia hoje está próspera como nunca. Sua taxa de crescimento de 6,2% foi uma das mais altas do mundo industrializado em 1994. A média de inflação em quatro dos últimos cinco anos esteve abaixo dos 2%; o aumento de lucros nas fábricas está entre os melhores do mundo, acima da Coreia do Sul e do Japão. As exportações estão subindo, a ponto de a balança comercial ser favorável face ao Japão. O desemprego caiu agora para 6,3% devido à criação de milhares de novos postos de trabalho.

A mais alta taxa de imposto foi reduzida a metade, enquanto a reforma da previdência permitiu poupar 1,5 bilhão de dólares em três anos. A dívida nacional vem se reduzindo e estão sendo preparados mais cortes nos impostos.

**A** BELA linha verde da costa deslizou sob as asas de meu avião, enquanto eu aterrissava mais uma vez em meu país natal, numa recente visita. As surpresas surgiram imediatamente. David e Cathy Hartles receberam-me amavelmente em sua cozinha, com largos sorrisos e um cesto de pãezinhos de minuto caseiros, e começaram a me contar das mudanças que suas vidas tinham sofrido.

Com o fim dos subsídios agríco-

las e a subida das taxas de juro, David determinou-se a se sair bem da mudança. «Vamos vender algumas pastagens para cavalos e viver da terra, economizando», disse à sua família. «Não vamos deixar cair a peteca.»

Eles agüentaram e se adaptaram, tal como milhares de outros agricultores, que descobriram novas colheitas para cultivar ou novos produtos para vender. No final, apenas um agricultor em cada cem, um décimo do previsto, foi forçado a abandonar suas terras. «Não estamos nos saindo tão bem como há 10 anos e estamos à mercê dos preços mundiais, mas nos sentimos melhor», me disseram os Hartles. «Não conheço ninguém que quisesse voltar aos maus velhos tempos.»

As pessoas trabalham e preocupam-se mais, acrescentou, mas sentem-se confiantes de que fizeram o que era certo. Só para me certificar, parei numa bomba de gasolina para pedir velas de ignição. «Claro, amigo», disse o jovem empregado com um sorriso. «Vou ajudá-lo a encontrar a vela de que precisa.»

Peregrinos políticos vêm à Nova Zelândia em números crescentes estudar suas mudanças, porque os problemas que seu *welfare state* enfrentou estão agora afetando os governos de todo o mundo industrializado. «A rápida ascensão da Nova Zelândia na lista dos países desenvolvidos contém lições importantes para a Europa e para o resto do mundo», afirma um desses políticos viajantes, Graham Mather, membro do Parlamento Europeu e do

Fórum Político Europeu, sediado em Londres. Os correios neozelandeses estão preparando um projeto para uma reforma postal na África do Sul e na Malásia e agem como consultores em diversos outros países. Há delegações de vários deles em lista de espera. Em 1994, 41 países, da China à Costa Rica, visitaram o departamento de controle de orçamento do Tesouro.

«Passamos de uma economia fechada, centralizada e em declínio, para uma das melhores do Ocidente», diz a ex-ministra das Finanças, Ruth Richardson. «Muitos políticos

estrangeiros crêem que tal coisa seja impraticável em seus países, mas estão enganados. A Nova Zelândia mostrou-lhes o caminho.»

Mas o que mais me agradou, enquanto eu passeava por minha ilha este ano, foi descobrir que o espírito do *kiwi* está de volta, mais forte que nunca. Meus compatriotas (e eu com eles) descobriram que a verdadeira riqueza de nosso país não está em nossos férteis campos nem em nossos abundantes mares, mas em nós próprios. É uma mensagem para todos os Estados que lutam com dificuldades.

FOTO: PHOTOBANK



## **Legendas de caricaturas**

HOMEM de negócios para advogado:

— Bom trabalho, Bagwell. Isto é um excelente contrato. Não consigo ler a letra miúda.

— Radner, em *Medical Economics*

JOGADOR de beisebol para entrevistador:

— Este ano estou ganhando 10 milhões de dólares, mas mesmo que estivesse ganhando só 9, continuaria a jogar apenas pelo prazer que isso me dá.

— Eric e Bill Teitelbaum, *Tribune Media Services*

MOÇA para um padre:

— Quando o senhor diz que todos os homens são irmãos, espero que não queira dizer como o meu irmão.

— Baloo, em *The Wall Street Journal*

GAROTO para amigo:

— Primeiro dizem-nos que nossa privacidade está consagrada na Constituição, e depois enviam o boletim escolar para nossos pais.

— Chon Day, em *The Saturday Evening Post*

CHEFE de pessoal para candidato a emprego:

— Não temos um seguro de saúde, mas temos uma secretária que declara ser curandeira...

— *Correio da Manhã*, Lisboa